

# REVISTA CAPIM DOURADO

## Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

DOI: <http://doi.org/10.20873/POVMEMO>

## **ACERVO POVOS INDÍGENAS NO TOCANTINS: ENTRE MEMÓRIAS E NOVAS EXPERIÊNCIAS**

INDIGENOUS PEOPLES COLLECTION IN TOCANTINS: BETWEEN MEMORIES AND NEW EXPERIENCES

COLECCIÓN DE PUEBLOS INDÍGENAS EN TOCANTINS: ENTRE RECUERDOS Y NUEVAS EXPERIENCIAS

Marcelo de Souza Cleto<sup>1</sup>  
Greyg Lake Oliveira Costa<sup>2</sup>  
Gabriel Silva de Sousa<sup>3</sup>  
Raquel Werebia Karajá<sup>4</sup>  
Júlia Póvoa Magalhães<sup>5</sup>

Recebido 14/04/2023	Aprovado 12/08/2024	Publicado 30/08/2024
------------------------	------------------------	-------------------------

**RESUMO:** O Acervo Povos Indígenas no Tocantins, localizado na cidade histórica de Porto Nacional, salvaguarda cerca de 1.000 objetos de patrimônio cultural que representam a arte e a cultura dos povos Krahô, Apinajé, Karajá, Javaé, Kanela, Krikati, Assurini, Xavante. Institucionalizado em 2021, seu objetivo é preservar e valorizar as culturas originárias, promovendo ações que conscientizem o público sobre a riqueza e os desafios desses povos. Para as oito exposições do biênio 2022/2023, a curadoria envolveu gestão patrimonial, colaboração direta de membros dos povos representados e o uso da metodologia pesquisa-ação para garantir a autenticidade e o respeito. A iniciativa de extensão universitária destaca a importância das universidades como mediadoras no reconhecimento e preservação das memórias materiais e imateriais. Após abordar o movimento global de descolonização de museus, na contra-luz do contexto local, o artigo finaliza realçando a importância da auto representação e do diálogo intercultural, descritos

<sup>1</sup> Curador do Acervo Povos Indígenas. Doutor em Filosofia. Professor do Bacharelado em Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Políticas Públicas da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: [marceloscleto@uft.edu.br](mailto:marceloscleto@uft.edu.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0804677024860255>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7039-5632>.

<sup>2</sup> Professor de Sociologia da Secretaria Estadual da Educação do Tocantins. Mestre em História das Populações Amazônicas (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2969706963152999>.

<sup>3</sup> Bacharel em Ciências Sociais (UFT) e pesquisador.

<sup>4</sup> Discente e pesquisadora do Bacharelado em Ciências Sociais (UFT).

<sup>5</sup> Discente e pesquisadora do Bacharelado em Ciências Sociais (UFT).



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

nos resultados das exposições em três cidades tocantinenses, com um alcance de público aproximado à 1.900 pessoas de faixas etárias diferentes e perfil variado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Acervo Povos Indígenas. Exposições Itinerantes. Curadoria. Tocantins. Patrimônio Cultural.

**ABSTRACT:** The Indigenous Peoples Collection in Tocantins, located in the historic city of Porto Nacional, safeguards around 1,000 cultural heritage objects that represent the art and culture of the Krahô, Apinajé, Karajá, Javaé, Kanela, Assurini, Xavante and Krikati peoples. Institutionalized in 2021, its objective is to preserve and value original cultures, promoting actions that raise public awareness about the wealth and challenges of these peoples. For the eight exhibitions in the 2022/2023 biennium, the curation involved careful management, direct collaboration with members of the people represented and the use of action research methodology to ensure authenticity and respect. The university extension initiative highlights the importance of universities as mediators in the recognition and preservation of material and immaterial memories. After addressing the global movement of decolonization of museums, against the backdrop of the local context, the article ends by highlighting the importance of self-representation and intercultural dialogue, described in the results of exhibitions in three cities in Tocantins, with an audience reach of approximately 1,900 people of different age groups and varied profiles.

**KEYWORDS:** Indigenous Peoples Collection. Traveling Exhibitions. Curation. Tocantins. Cultural heritage.

**RESUMEN:** La Colección de los Pueblos Indígenas de Tocantins, ubicada en la histórica ciudad de Porto Nacional, resguarda alrededor de 1.000 objetos del patrimonio cultural que representan el arte y la cultura de los pueblos Krahô, Apinajé, Karajá, Javaé, Kanela, Assurini, Xavante y Krikati. Institucionalizada en 2021, su objetivo es preservar y valorar las culturas originarias, impulsando acciones que sensibilicen a la ciudadanía sobre las riquezas y desafíos de estos pueblos. Para las ocho exposiciones del bienio 2022/2023, la curaduría implicó una gestión cuidadosa, la colaboración directa con miembros de las personas representadas y el uso de una metodología de investigación-acción para garantizar la autenticidad y el respeto. La iniciativa de extensión universitaria destaca la importancia de las universidades como mediadoras en el reconocimiento y preservación de las memorias materiales e inmateriales. Después de abordar el movimiento global de descolonización de los museos, en el contexto local, el artículo finaliza destacando la importancia de la autorrepresentación y del diálogo intercultural, descrita en los resultados de exposiciones realizadas en tres ciudades de Tocantins, con un alcance de audiencia de aproximadamente 1.900 personas de diferentes grupos de edad y perfiles variados.



# REVISTA CAPIM DOURADO

## Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

**PALABRAS CLAVE:** Colección Pueblos Indígenas. Exposiciones Itinerantes. Curación. Tocantins. Patrimonio Cultural.

### INTRODUÇÃO

A Universidade Federal do Tocantins (UFT), por ser uma instituição sediada na Amazônia Legal, tem desenvolvido desde sua fundação uma relação com os povos indígenas originários da região, tornando-se um ponto de mediação na extensa e complexa relação que os envolvem. Buscando contribuir com este fluxo, que gera desenvolvimento e aperfeiçoamento de políticas públicas, o ânimo da equipe do Acervo Povos Indígenas no Tocantins se movimentou, tecendo fios e laços entre a Sociedade e a Universidade, na franca e inarredável valorização da cultura e modos de vida dos povos originários que habitam este território.

Localizado na cidade de Porto Nacional, no centro histórico que remonta ao início do século XIX, o Acervo Povos Indígenas mantém em salvaguarda aproximadamente 1.000 peças que representam a arte e as culturas dos povos da região como: *Krahô, Apinajé, Karajá, Javaé*. A constituição das coleções, foram iniciadas em 2000, com trabalho de campo realizado pelo Prof. Dr. *Vanderlei Mendes de Oliveira*, de modo que a gênese do Acervo está associada ao movimento de fundação da UFT, como de seus cursos, núcleos de pesquisa, laboratórios e reservas técnicas.

A política de exposição itinerante do Acervo tem como objetivo principal a valorização e preservação das culturas indígenas, promovendo a conscientização sobre sua diversidade e riqueza. Ela busca informar o público sobre a história e os desafios enfrentados por esses povos, ao mesmo tempo em que protege os objetos de patrimônio cultural e respeita seus significados. A política enfatiza a importância



# REVISTA CAPIM DOURADO

## Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

de parcerias com os povos e instituições locais para garantir exposições autênticas e respeitosas, além de rotatividade para alcançar um público mais amplo promovendo o diálogo intercultural e o respeito mútuo.

O objetivo principal deste artigo é apresentar a projeção e execução das exposições do biênio 2022/2023, que de modo itinerante, circulou entre escolas e eventos em três cidades tocantinenses, buscando contribuir na implementação e acompanhamento de política pública prioritária ao desenvolvimento local, que segundo as Bases para a Política Nacional de Museus - Memória e Cidadania deve:

Promover a valorização, a preservação e a fruição do patrimônio cultural brasileiro, considerado como um dos dispositivos de inclusão social e cidadania, por meio do desenvolvimento e da revitalização das instituições museológicas existentes e pelo fomento à criação de novos processos de produção e institucionalização de memórias constitutivas da diversidade sócio, étnico e cultural do país (BRASIL, 2003, p. 8).

Dentre as justificativas da extensão universitária, que movimentou o patrimônio cultural material, destaca-se a adequação da ação a dois critérios dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), sendo: o quarto, Educação de Qualidade, e o décimo-sexto; Paz, Justiça e Instituições Eficazes. Outra ponta articulada está com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e com dois Projetos Pedagógicos (PPC), do Bacharelado em Ciências Sociais e da Licenciatura em História da UFT. Dentre as áreas temáticas e linhas de extensão, o horizonte centrou-se no Manual de Extensão da UFT, no item trinta e sete: Patrimônio Cultural, Histórico, Natural e Imaterial.



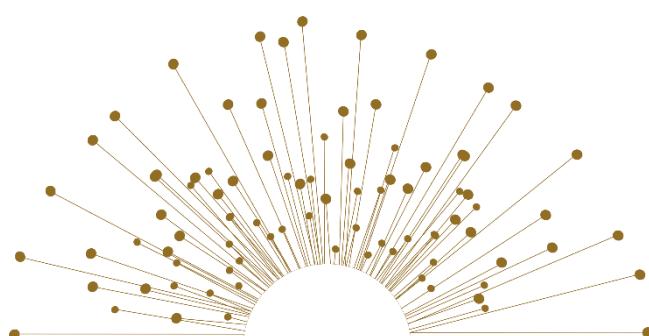
ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

## **UNIVERSIDADES E O PATRIMÔNIO MATERIAL DOS POVOS ORIGINÁRIOS**

Nos últimos anos, identifica-se uma crescente atenção para os processos de descolonização dos museus em todo o mundo, especialmente no contexto das Ciências Sociais. Essa tendência, reflete uma profunda reflexão sobre o legado colonial e a necessidade de reconhecer e corrigir as injustiças históricas perpetradas contra os povos indígenas e outras comunidades subalternizadas. No Brasil, esse movimento não é diferente, e os museus têm sido palco de debates intensos sobre a representação e a posse de objetos.

Paralelamente, tem surgido um ativismo cada vez mais vigoroso que demanda a restituição de objetos culturais aos seus povos de origem. Essa reação questiona não apenas a legitimidade da posse por instituições coloniais, mas também o direito dos povos indígenas à sua própria história e patrimônio. No caso dos *Krahôs*, essa demanda de restituição é uma expressão vital de sua identidade e resistência cultural.

Em um dos capítulos no *De Longe Toda Serra é Azul*, o indigenista *Fernando Schiavini* narra o empenho e estratégias na recuperação da machadinho sagrada dos *Krahôs*, nominada *Kyiré*, que estava no Museu Paulista da Universidade de São Paulo (USP) desde 1940. A história da machadinho remonta a tempos antigos da mitologia *Krahô*, onde sua conexão mítica e seu significado cultural são ressaltados. A narrativa do indigenista descreve a jornada para trazer a machadinho de volta à aldeia *Pedra Branca*, evidenciando os desafios burocráticos enfrentados pelo grupo em terra bandeirante. A determinação do líder, *Penon*, e sua persistência em



# REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

resgatar são destacadas, assim como a mobilização de aliados para enfrentar a resistência da USP em devolver *Kyiré*. Após meses de acampamento resistente na residência estudantil CRUSP, chegou a contar com 17 indígenas ao mesmo tempo, incluindo tensões com autoridades acadêmicas e a divulgação de desinformação sobre a machadinhada. Finalmente, em junho de 1986, o Conselho Universitário decidiu devolvê-la aos *Krahôs* em forma de “empréstimo por tempo indeterminado”. O retorno marcou não apenas a recuperação física da machadinhada, mas também a revitalização das tradições e narrativas culturais.

**Figura 1:** Recuperação da *Kyiré* e repercussão na imprensa nacional.



**Fonte:** Folha de São Paulo, 12/06/1986.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

Os museus coloniais surgiram durante a formação das nações, junto com censos e mapas, como locais onde as configurações emergentes se tornavam materialmente acessíveis (Anderson, 2009). Nesse período, a criação de uma nação exigia a unificação das múltiplas narrativas em uma única, o que envolvia o apagamento das diferenças (Renan, 2008), (Oliveira; Santos, 2019). Artistas, intelectuais e cientistas de várias áreas contribuíram para esse projeto nacional, buscando a homogeneidade da nação. A "teoria das raças", o "branqueamento das populações" e a "aculturação" influenciaram tanto as práticas estatais quanto às políticas de representação dos museus (Schwarcz, 1993). A celebração da morte da diferença foi refletida nas artes e literaturas, enquanto políticas rigorosas eliminavam as condições para a existência das diferenças (Oliveira, 2016). Os "zoológicos humanos", desdobramentos dos museus e exposições internacionais, exemplificam a exploração perversa da diferença, retratando os "selvagens" como objetos de curiosidade. Esse fenômeno atingiu seu pico entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, coincidindo com a consolidação dos museus coloniais e a ampliação de seus acervos.

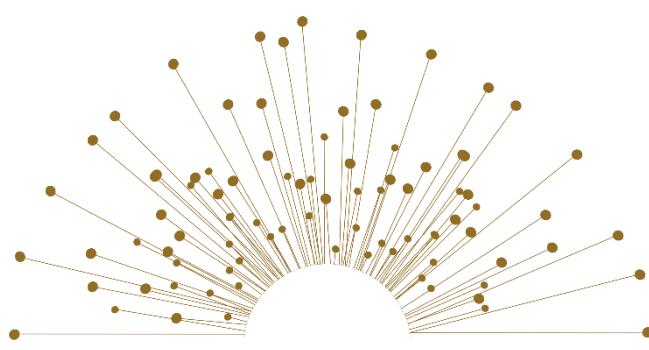
No início do século XXI, houve uma explosão no número de museus, refletindo um movimento mais amplo de afirmação de identidades pelas "populações subalternizadas" (Oliveira; Santos, 2019). Essas populações reivindicaram o direito de produzir "autorrepresentações", transformando a cultura em um mecanismo para exigir direitos e políticas públicas específicas. A pluralização das narrativas museais tornou-se um imperativo, deslocando as políticas de produção de uma unidade cultural para a celebração da "autorrepresentação".



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

As formas mais comuns de constituição de acervos etnográficos brasileiros têm características, métodos e objetivos específicos. Pode-se considerar as elementares:

1. Coleta direta com etnografia do campo. Envolve a coleta direta de objetos, registros visuais, audiovisuais e escritos durante pesquisas de campo realizadas por etnógrafos. O trabalho inclui observação participante, entrevistas e documentação.
2. Coleção Histórica. Envolve a formação de acervos, por meio da aquisição de coleções pré-existentes ou objetos históricos relevantes. Aquisição de outras instituições, doações de particulares, compras ou transferências. Os objetos de arte coletados no século XVIII e XIX nem sempre têm garantia da origem legal e ética das coleções, sendo provenientes em muitos casos de expedições naturalistas, religiosas ou de saques e guerras.
3. Parceria com os povos. Envolve a colaboração direta, para co-criar o acervo, com a participação ativa dos membros na coleta e documentação. Assegura que as vozes no processo de preservação e seus valores sejam respeitados, refletindo a visão e o contexto cultural dos próprios membros.
4. Museologia Social. Segundo o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), a museologia social tem como seu cerne a defesa de que o museu seja apropriado como uma ferramenta de uso comunitário e participativo, para que as pessoas pesquisem, compreendam, salvaguardem e divulguem suas próprias histórias nos seus próprios termos.



# REVISTA CAPIM DOURADO

## Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

A constituição de um acervo, de um museu se faz importante na perspectiva de reunir memórias materiais e imateriais, mas também para mudar a noção que se tem de determinada realidade. A valorização dos modos de vida enquanto conjuntos de comportamentos socioculturais que geram objetos e materiais fundamentais para a compreensão da pluralidade dos povos originários, pois “dessa forma, o patrimônio cultural funciona como um instrumento de requalificação de relações, até então assimétricas, para bases que considerariam e respeitariam as singularidades dos povos indígenas e das populações tradicionais.” (Velthem, Kukawka e Joanny, 2017, p. 737). Nesse ponto de vista de novas formulações de museus, nessa readequação que muitos museus vêm passando, necessário destacar que

[...] as transformações que atingiram o campo da museologia voltaram-se, nesse caso, para a concepção de que o museu não deve se preocupar unicamente com a apropriação de objetos e com a sua ordenação, classificação e organização. A nova abordagem estaria voltada preferencialmente para as relações orgânicas estabelecidas pelo museu com o contexto social em que está inserido ou articulado. Espera-se, portanto, que as instituições museológicas se envolvam cada vez mais em ações de integração com as comunidades, próximas e distantes, ampliando os laços de sociabilidade e de identidades (Velthem, Kukawka e Joanny, 2017, p. 740).

Os acervos universitários assumem um papel importante frente à essa nova concepção museal, pois “encontram-se baseados desde sua origem numa perspectiva de vivência, produção e difusão de novos conhecimentos, além do incentivo ao pensamento crítico” (Meirelles, 2015, p. 183). Assim é possível compreender que museu e universidade são dois espaços que se complementam, pois como é característico de algumas universidades, a valorização do ensino,



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

pesquisa e extensão são também importantes na consolidação de um museu. Porém, é plausível destacar que em muitas instituições de ensino superior, os museus possuem uma estrutura, “[...] em geral, adaptada em condições nem sempre convenientes para o público ou para suas necessidades técnicas. As exposições e a ação educativa são realizadas de forma precária; na maioria das vezes, sem reconhecimento e apoio.” (Meirelles, 2015, p. 184-185). O museu universitário tem em sua base três tarefas, que acabam se transformando em compromissos para a sua existência.

Em primeiro lugar, por conta dos reiterados compromissos e da sua função: construir cidadania e contribuir para a formação de uma sociedade mais crítica e consciente da sua realidade. O museu como projeto do devir tem uma função cultural importante. [...] Em segundo lugar, porque são públicos, o que pressupõe uma carga de incumbências. O Estado assume determinadas atividades como dever e obrigação, com isso as institui de modo a satisfazer a coletividade. Os serviços públicos são gerados e sustentados pelas administrações com vistas a assegurar os direitos da população. [...] Finalmente, o museu vinculado a uma universidade gera mais uma expectativa. A instituição universitária tem sob sua responsabilidade engajar-se no processo de transformação da sociedade; comprometer-se com a livre expressão e o exercício crítico do pensamento; construir novos saberes; respeitar a diversidade cultural. [...]

Portanto, a condição de ser, ao mesmo tempo, museu, universitário e público expressa esse triplo compromisso e uma perspectiva de cumprimento de sua finalidade social. (Meirelles, 2015, p. 185).

Considerando a linha do tempo de institucionalização dos principais museus universitários com Coleção Etnográfica como o Museu Paraense Emílio Goeldi, fundado em 1911 e o Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG), criado em 1969; lança-se como as referências circunscritas no território de interesse



# REVISTA CAPIM DOURADO

## Diálogos em Extensão

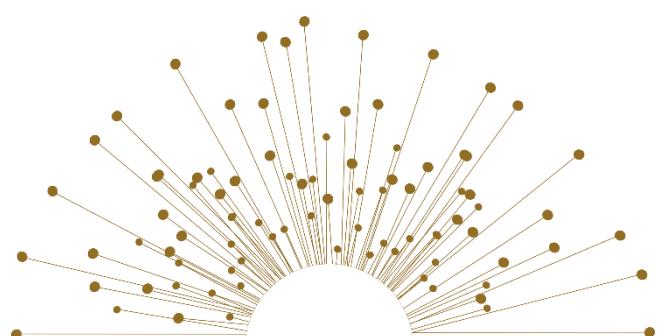
ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

do Acervo Povos Indígenas no Tocantins, dimensionando seu lugar no ponto de continuidade da relação entre Universidade e acervos.

### **DO CEDOC-TIMBIRA AO ACERVO POVOS INDÍGENAS**

Professor Doutor *Vanderlei Mendes de Oliveira*. Nascido em *Monte Carmelo*, em 9 de dezembro de 1973, cidade próxima ao Triângulo Mineiro, falecido em 8 de junho de 2018, na cidade de *Palmas*, estado do *Tocantins*. Caçula de uma família com oito filhos de pequenos agricultores, trabalhou ainda jovem, como bóia fria nas colheitas de café na região, o que de certa maneira o motivou fazer um estudo, ainda no curso de graduação em Geografia, pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) sobre as transformações na pequena produção familiar no Triângulo Mineiro e Alto Parnaíba, entre os anos de 1993 a 1996.

Pela mesma Universidade concluiu o curso de Mestrado, também em Geografia, no ano de 2000, aprimorando os estudos sobre a agroindústria e produção rural integrada. Como graduado e licenciado em Geografia exerceu a função de professor da rede pública da cidade de *Uberlândia*, entre os anos de 1996 a 1998. Como mestre em Geografia, mudou-se para o *Tocantins*, cidade de *Araguaína*, para ocupar a função de professor do ensino superior, no curso de Geografia, na então Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS). Atuou como coordenador de curso, e realizou pesquisas de campo na região. Nesses tempos como pesquisador aproximou-se dos povos indígenas, em especial dos *Krahô*, na cidade de *Itacajá*. O contato com o território e a forma de organização social, resultou numa tese sobre o turismo em terras indígenas, concluído através do doutorado em Geografia, pela USP, intitulada “Turismo e Modernidade: um estudo da



# REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

população indígena *Krahô*, Estado do Tocantins, Amazônia Legal Brasileira, entre os anos de 2003 a 2007”.

**Figura 2:** Encontro de Cantoria na *Wyty Cati*



**Fonte:** Acervo Povos Indígenas UFT.

**Nota:** A data presumida deste encontro está entre 2002/2004. Da esquerda para a direita; *Andorinha Cakrô*, *Tep Api*, não identificado, *Pedro Cacheado Krônapyn*, *Xahy*, *Vanderlei Iaporto* (nomeado em *Krahô*), *Alcides*, não identificado e *Psstyl*.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

Ainda no ano de 2003, Prof. *Vanderlei* tornou-se servidor efetivo da UFT, no campus de *Tocantinópolis*, curso de Pedagogia, responsável pelas disciplinas de Metodologia do Ensino de Geografia e Educação Ambiental. Residindo na cidade de Tocantinópolis, entre os anos de 2003 a 2012, atuou de forma intensa junto ao povo *Apinajé*, devido à proximidade das aldeias à cidade, o que mobilizou em ampliar os estudos sobre as populações *Timbira* representadas além dos *Apinajé* e *Krahô*, também os *Gavião* e *Canela*, na região entre *Tocantins* e *Maranhão*.

Nesse período, movido pelo interesse em compreender a cultura e a organização dos povos, direcionou suas atividades de pesquisa e estudos para a produção da cultura material. Numa ação estratégica, atuou em duas frentes: rememoração do modo de fazer, utilizando como base de leitura a obra “Os *Apinaye*”, do etnólogo alemão *Curt Numiendajú* que realizou visitas entre o povo nos anos de 1928 a 1937 e registrou em forma de desenho; cestarias, brinquedos e etc. Com cópias do livro, Prof. *Vanderlei* leu com os artesãos mais velhos de algumas aldeias, buscando a identificação de determinados artefatos ou objetos não mais produzidos por eles. Seguida da fase anamnésica, fruto do diálogo trançado, alguns brinquedos foram se refazendo nas mãos dos velhos. Neste encontro, da trepidada mão com o brinquedo de palha que lhe salta alvissareiro, os ciclos da vida se reafirmavam.

Na segunda ação, a formalização de um projeto de pesquisa, no ano de 2007, denominado Centro de Documentação e Memória Timbira (CEDOC-Timbira) no Campus Universitário de *Tocantinópolis*. O referido projeto tinha como objetivo “reunir os materiais de registros das populações indígenas *Timbira*, constituindo um local de visitação e pesquisa para uso público”. Como resultado, o Acervo até então



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

reunido foi exposto em algumas situações nas dependências do campus, contando com a visitação das escolas e divulgação na comunidade local.

Na exposição de dezembro de 2006, esteve junto à coordenação as Prof<sup>a</sup>. *Regina Célia Padovan* e Prof<sup>a</sup> *Eliana Henriques Moreira*, também contribuiu o estudante *Silvano* do curso de Pedagogia. Este momento coincide com o início das atividades da Licenciatura em Ciências Sociais no campus e a adesão ao CEDOC-Timbira dos novos professores que haviam chegado como o Prof. *Marcelo de Souza Cleto*.

Frente às dificuldades e falta de apoio institucional no campus de *Tocantinópolis* para a conservação da coleção, ocorreu um entendimento entre o Prof. *Vanderlei* e a então Vice-reitora Prof<sup>a</sup> *Isabel Auler*, de que o melhor destino seria transferir todo o material para o campus de *Palmas*, de onde se poderia ver e fazer a transformação num ambiente correto para a salvaguarda socialmente referenciada, o que ocorreu em 2012. Vários fatores mantiveram por uma década os objetos em depósitos temporários no campus de *Palmas*, como o falecimento da Prof<sup>a</sup> *Isabel Auler* em 1º de maio de 2017 e do Prof. *Vanderlei* em 8 de junho de 2018. Nesta abrupta ausência, das referências humanas e profissionais, depreendemos pela convivência com ambos, que o desaparecimento de si não tem relação causal com as coleções. Em janeiro de 2022, todo o material foi transferido para o Centro de Pós-Graduação, Extensão e Cultura (CEPEC) da UFT, no centro histórico da cidade de *Porto Nacional*. Nesta atual fase, os protetores do Acervo, além dos citados no parágrafo anterior, deve-se registrar a atenção de *José Dilson Krahô, Héber Grácio, Fernando Schiavini, André Demarchi, Alex Pizzio, Rejane Pinheiro, Marcelo González, Jackeline e Etienne Fabrin*.



# REVISTA CAPIM DOURADO

## Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

Institucionalizado em 13 de setembro de 2021, o Acervo Povos Indígenas no Tocantins, tem como principal objetivo a salvaguarda de cultura material, buscando ser um mediador que estimula as informações e a documentação; encarregando-se de pesquisar, reunir, analisar e explorar metodicamente o horizonte de vivência material e simbólica dos povos originários. A opção por essa nomenclatura se deve à presença na Reserva Técnica de objetos de povos que transcendem aos *Timbiras*, como borduna *Xavante*, cerâmicas *Assurini* e *Karajá*.

Sua singularidade está entre as aproximadamente 1.000 peças e Coleções que a compõem, que etnograficamente coletado transita por variada cestaria, tipos diferentes de armas de guerra, paramentaria ritual, instrumentos musicais, lúdicos e de uso no dia-a-dia. Caracterizando-se basicamente pela manufatura de artesanatos produzidos pelos povos *Apinajé*, *Javaé*, *Krahô*, *Krikati* e *Xerente*, que vivem na área de transição entre os biomas: Cerrado, Mata dos Cocais e Amazônico.

Além do material etnográfico, em processo de documentação, ocorre na Reserva Técnica ações de conservação preventiva, com o controle da temperatura e da umidade relativa do ambiente. As ações atuais são limitadas pela ausência de orçamento próprio, o que não inviabiliza o aumento de objetos, como doações de peças ocorridas de maneira espontânea e como devolutivas de projetos de pesquisa.

### CURADORIA

A curadoria em acervos etnológicos envolve a gestão, conservação e interpretação de coleções de objetos e materiais culturais que representam tradições, costumes e histórias de diversos grupos étnicos. O sentido curatorial é responsável por garantir que esses itens sejam cuidadosamente catalogados,



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

armazenados e exibidos de maneira que respeitem e refletam as culturas de origem. Envolve a colaboração com os povos representados para assegurar que suas vozes e perspectivas sejam incluídas nas narrativas apresentadas ao público, promovendo uma compreensão mais profunda e respeitosa da diversidade cultural.

Considerando o tempo próprio de auto-afirmação do Acervo Povos Indígenas e sua reentrada no processo de institucionalização plena dentro da UFT, a linha curatorial buscou agir numa ação responsável de concepção de obra de arte; que consistiu na seleção e expressão estética de conjunto artístico em 8 exposições programadas para o biênio 2022/2023.

No percurso criativo, foi aplicado à experiência aquilo que (Abreu, 2005, p. 111) chamou de “novas propostas nos museus etnográficos”, ou seja, alterar os espaços museológicos em ambientes de multivocalidade; efetuando um processo de seleção do material para o encontro com o visitante. (Mensch, 1991), comenta que uma exposição é uma composição artificial, um vasto conjunto de elementos construídos de acordo com alguma estratégia. Uma exposição é o resultado de um processo de seleção e manipulação da informação emitida, composta não só da parte prática, mas também da teórica com a lista de orientações de sentido.

Se até os anos de 1950 os museus praticavam o colecionamento construindo e, em alguns casos, cristalizando alteridades de povos que não se manifestaram ou não se conectam com as propostas museológicas dos ocidentais, hoje, algumas experiências de práticas de colecionamento e de criação de museus étnicos gestados pelos próprios indígenas vêm alterando esse quadro. De retratos de alteridades máximas, museus e coleções sinalizam um deslocamento do olhar: aqueles que antes eram olhados agora olham para si mesmos, tecendo seus



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

auto-retratos (Abreu, 2005, p. 112). Com elementos abstraídos do cotidiano, do presente ou do passado, forjando uma experiência de ressignificação, uma vez que os objetos, ao serem introduzidos no espaço da exposição, passam a integrar um novo sistema de referências, emoldurando composições inteiramente novas e inusitadas (Cunha, 2010). O traço comum a todas as peças é que elas foram escolhidas para serem relacionadas e dispostas num espaço, no qual entrará o público visitante (Davallon, 2010), de modo que ser exposto e se relacionar com o público, é o comum entre elas.

Cumprida a descrição curatorial, segue-se para a exposição, que foi construída a partir de um todo articulado, tanto pelos títulos, objetos protagonistas e pelos elementos expográficos; buscando uma linguagem harmoniosa e coerente (Florez; Scheiner, 2012).

## **EXPOSIÇÕES 2022/2023**

Para a formulação das exposições, a equipe do Acervo que é formada por pesquisadores e estudantes do Bacharelado em Ciências Sociais, teve a participação de um professor de ensino médio que atua na rede estadual de ensino e da estudante indígena do curso de Ciências Sociais que completou a expertise necessária.

A metodologia de pesquisa-ação foi o procedimento que envolveu a equipe num projeto em ciclo contínuo de planejamento, ação, observação e reflexão. Por ser ideal para contextos em que a prática e a teoria se inter-relacionam, ajudou a refinar as práticas inovadoras e eficientes que o Acervo busca incorporar.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

Dentre a programação da ação de extensão prevista, o momento de qualificação da equipe foi executado de maneira que seus membros frequentaram o curso: Para Fazer uma Exposição. Na modalidade EAD com carga horária de vinte horas/aula teve certificação do curso Saber Museu do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). A cada quinze dias, a equipe em encontros presenciais nas dependências do Acervo debatiam e apresentavam os saberes acumulados no período. Com o avanço da capacitação para a difusão do conhecimento do campo museal, a equipe buscou incorporar práticas inovadoras e eficientes para preservação e valorização do patrimônio material, bem como para o aprimoramento de sua gestão. Utilizou-se metodologias ativas e inovadoras, a exemplo de exercícios em grupo, estudos de caso, problematização, exposição dialogada, debate e simulações.

A qualificação da equipe teve por conteúdo programático: o estudo dos elementos básicos da exposição, o conceito e o processo de criação. No planejamento, além do estudo dos espaços na ergonomia, debruçou-se também sobre os recursos expográficos, comunicação visual, controle ambiental, ação educativa, orçamento e cronograma. Para a execução da ação, a exposição de fato, foi adotado processos de simulação considerando a montagem, mediação, desmontagem e avaliação.

No dia 17 de junho de 2022 na 41<sup>a</sup> Semana da Cultura de *Porto Nacional*, ocorreu a primeira exposição pública de peças selecionadas. Nesta semana, a programação especial transcorreu durante 5 dias e envolveu oficinas, gastronomia, debates, espetáculos, exposições, danças, dentre outras atividades. No Espaço Cultural Beira Rio, o Acervo ocupou a tenda reservada à UFT, que juntas compunham o mosaico de outras representações importantes da cena portuense,



# REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

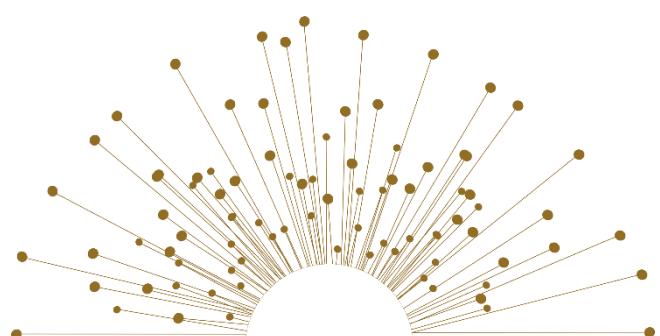
como a tenda da *ComSaúde*. Na figura a seguir, o público visita seu patrimônio. Miniaturas de palha de buriti, brinquedos *Apinajé*.

**Figura 3:** Exposição na 41<sup>a</sup> Semana da Cultura de Porto Nacional, 2022.



**Fonte:** Acervo Povos Indígenas UFT.

Na exposição, ocorrida entre 14 a 25 de outubro de 2022, as peças estiveram na Escola Superior da Magistratura Tocantinense (ESMAT) em Palmas, compondo com outras coleções, como a curadoria da Profª Reijane Pinheiro da UFT. Todas estiveram na área temática do hall do XIII Congresso Internacional em Direitos Humanos, evento organizado por esta escola superior e pelo Programa de Mestrado em Prestação Jurisdicional e Direitos Humanos (PPGPJD).



# REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

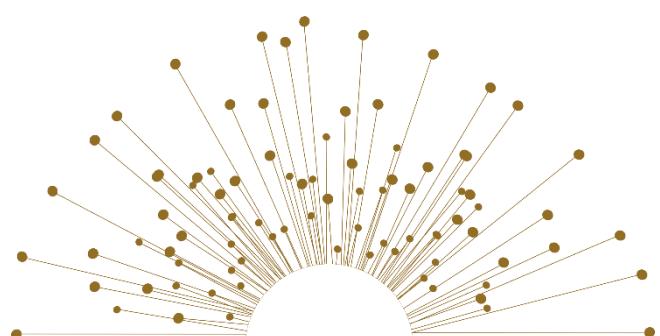
ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

**Figura 4:** Exposição na Escola Superior da Magistratura. Palmas, 2022.



**Fonte:** Acervo Povos Indígenas UFT.

No dia 18 de outubro de 2022, no Centro de Ensino Médio Félix Camoa I, em *Porto Nacional*, ocorreu a apresentação junto aos estudantes e professores da tradicional escola que receberam e interagiram com a equipe do Acervo. Dentre perguntas e respostas, algumas peças puderam ser manipuladas de modo a conectar sensorialmente os visitantes ao universo multifacetado dos objetos e de seus criadores.



# REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

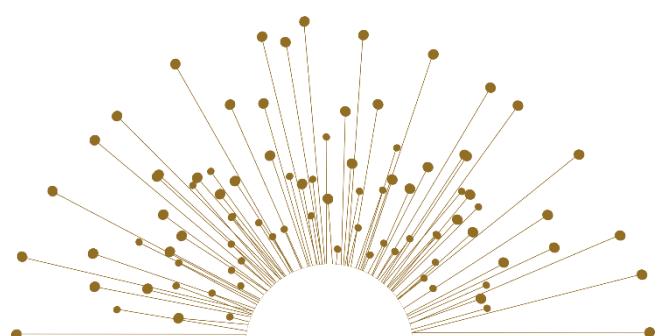
ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

**Figura 5:** Exposição no Centro de Ensino Médio Félix Camoa I. Porto Nacional, 2022.



**Fonte:** Acervo Povos Indígenas UFT.

A quarta exposição foi em direção à região rural da cidade de *Porto Nacional*, buscando diferenciar ainda mais o público que teria acesso. No dia 19 de outubro de 2022, nas dependências do Centro de Educação Municipal do Campo Chico Mendes, a apresentação teve apelo e envolvimento da comunidade escolar, que adota a pedagogia da alternância e possui estudantes indígenas do povo Xerente em seu corpo discente.



# REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

**Figura 6:** Exposição no Centro de Educação do Campo Chico Mendes.

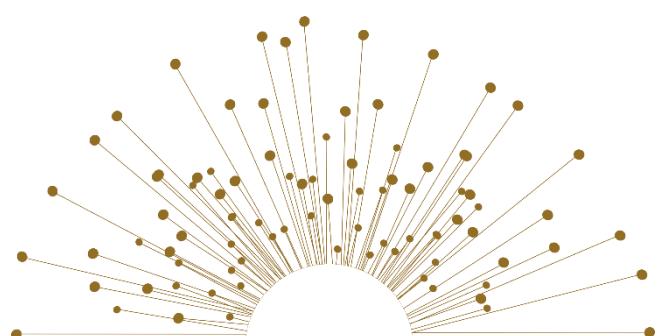
Porto Nacional, 2022.



**Fonte:** Acervo Povos Indígenas UFT.

Na parte final do roteiro itinerante de 2022, o Colégio Estadual Padre Gama da cidade de *Monte do Carmo*, distante trinta e quatro km de *Porto Nacional*, foi o palco por excelência, pois coincidiu com um evento no colégio em alusão ao Dia da Consciência Negra. No pátio, em clima escolar, com apresentações de dança, poesia e música, a exposição do Acervo se fez presente e ajudou a modular o debate acerca dos povos tradicionais na composição da comunidade local, regional e nacional.

A agenda do ano 2023 pode ser verificada nas figuras a seguir, nesta arte, todos os itens representados buscaram as camadas sensoriais e suas conexões,



# REVISTA CAPIM DOURADO

## Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

fazendo lugar de experiência pelo tato, audição, visão e olfato na relação direta com os objetos expostos.

**Figura 7:** Folder lado A e B. Exposição 2023.





# REVISTA CAPIM DOURADO

## Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024



**Dilatador lóbulos das orelhas**  
Cone de madeira leve, com uma das pontas aguçada, cuja função é dilatar, paulatinamente, o lóbulo das orelhas das crianças. Encontrado entre os grupos Kayapó, e usado diariamente pelas crianças de ambos os sexos. Usado também pelos Waiwai e no Xingu.

Visite nossa Exposição para uma experiência visual, auditiva e tátil com a arte e a sabedoria dos povos originários.



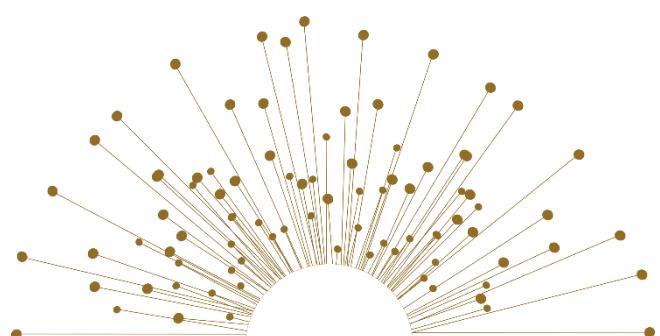
**Colar-apito emplumado**  
Ornato plumário usado à volta do pescoço, repousando sobre o colo. É frequente o uso de colares-apitos emplumados e colares flautas emplumados entre diversos grupos indígenas.



**Chocalho tubular**  
Recipiente fechado de forma tubular constituído de: taquarinha trançada, bambu, madeira revestida de trançado. Os elementos sonoros contidos no receptáculo podem ser: seixos, sementes, dentes, élitros. O chocalho tubular conhecido como "pau de chuva" (índios Mawé) contém, na parte interna, em sentido horizontal, espinhos ou bastões que freiam a passagem do material sonoro no interior do tubo, produzindo sons adicionais, além do entrechoque das partículas ali encerradas.

**Fonte:** Acervo Povos Indígenas UFT.

Das quatro exposições realizadas em 2023, destaca-se o evento no Colégio São Francisco de Assis, na capital *Palmas*, onde a dinâmica da apresentação foi mediada pela estudante do Bacharelado em Ciências Sociais e membra da equipe do Acervo Povos Indígenas, *Raquel Karajá*, que traduziu para o público a cultura da cerâmica de seu povo, na figura, entre bonecas *Ritxoko*.



# REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

**Figura 8:** Exposição no Colégio São Francisco de Assis. Palmas, 2023.



**Fonte:** Acervo Povos Indígenas UFT.

As exposições no biênio 2022/2023 foram um total de oito, duravam aproximadamente quatro horas; entre montagem, exposição e desmontagem. Além do roteiro organizado nas mesas dispostas na sala, havia um momento de



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

apresentação da exposição feito pelos membros do Acervo, o público participou com perguntas e experiências narradas.

Atento aos objetivos e às diretrizes de extensão universitária, buscou-se saber junto aos mediadores locais os impactos e a transformação social da relação envolvente. Para essa fase, o procedimento adotado foi junto às oito pessoas mediadoras locais, que contribuíram na articulação e realização dos eventos. O instrumento de avaliação foi um questionário com cinco itens, orientadas no equilíbrio da Curadoria, qual seja, atender os interesses e necessidades da maioria da população, buscando superar desigualdades, garantir a diversidade e proporcionar o desenvolvimento local, regional e sustentável da Amazônia. Nas respostas obtidas, registra-se a quantidade aproximada de mil e novecentas pessoas que interagiram durante as oito exposições, variando o perfil de maneira abrangente. Desde população geral e irrestrita como num evento de cultura popular, até estudantes, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, escolas públicas, associações, profissionais do Direito, população rural e urbana. A faixa etária é amplíssima, dos oito aos oitenta. Os principais impactos gerados foram: a) o conhecimento relativo à Culturas indígenas, b) histórias das peças expostas e, c) a curadoria e a explicação da monitora. No recorte de uma das questões, pode-se deduzir que a comunidade demanda espaços de cultura e divulgação da diversidade étnica nacional, inclusive sugestionando pontos para a melhoria das exposições futuras sendo eles: a) ampliar o número de peças, b) que aconteça mais vezes nas escolas do Estado e do município e c) colocar etiquetas com descrição próximas às peças.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

A ação de extensão utilizou de conhecimentos transdisciplinares o que proporcionou um resultado final satisfatório, com relevante público visitante, alcance intermunicipal, intergeracional e multiétnico.

Desdobrou dois dos objetivos de desenvolvimento sustentável na Amazônia, o quarto e o décimo-sexto, na medida em que proporcionou uma variedade de atividades que ajudaram a construir e expandir a identidade nacional, qualificando o conhecimento sobre o passado e dialogando com perspectivas sobre um futuro sustentável. Ao agir como articuladora de relações, as peças expostas conectaram as pessoas consigo mesmas, com suas comunidades e origem, criando um senso de pertencimento que é crucial para a Educação de Qualidade, a Paz, a Justiça e a boa governança com Instituições Eficazes.

Por fim, cumpre destacar a importância dos acervos e museus como espaços promotores do bem-viver e a consequente sustentabilidade planetária; devem ser considerados o efeito que a onda do carisma da obra de arte cumpre em seu ciclo estético e transformador da realidade. Cada fase da ação foi produzida de forma integrada partindo do reconhecimento de que ações em determinado campo da política pública podem gerar resultados em outros campos da vida em sociedade, existindo maiores chances de sucesso quando se parte do reconhecimento dos consensos e da pactuação coletiva das metas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho desenvolvido pela Universidade Federal do Tocantins através do Acervo Povos Indígenas é um marco significativo na valorização e preservação da cultura dos povos originários da região. A institucionalização do Acervo e sua



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

integração com a comunidade acadêmica e a sociedade em geral, reforçam a importância de ações colaborativas e respeitosas na gestão de patrimônios culturais.

Ao longo de dois anos, a curadoria e as exposições itinerantes enriqueceram o conhecimento sobre as culturas indígenas, mas também promoveram um espaço de diálogo e aprendizado mútuo. A iniciativa se destaca por alinhar-se com objetivos globais, como a promoção de uma educação de qualidade e o fortalecimento de instituições justas e eficazes.

A trajetória do Acervo Povos Indígenas é um exemplo claro de como as universidades podem e devem atuar como mediadoras culturais e sociais, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e consciente de sua diversidade. A conservação e a exposição do patrimônio indígena, conduzidas com rigor acadêmico e sensibilidade cultural, são fundamentais para a revalorização das tradições e para a justiça histórica. A continuidade desse trabalho aponta para mais avanços na compreensão e no respeito, fortalecendo os laços entre ciências, culturas, comunidades e povos.

## **REFERÊNCIAS**

- ABREU, R. **Museus etnográficos e práticas de colecionamento:** antropofagia dos sentidos. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 31: p. 101-125, 2005.
- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas:** reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BRASIL. Ministério da Cultura. **Bases para a Política Nacional de Museus:** Memória e Cidadania. Brasília: Minc, 2003.
- CARVALHO, A; SILVA, D. L. O; BRAGA, G. B. **Perspectivas recentes para curadoria de coleções etnográficas.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, n. 14, p. 279–289, São Paulo: 2004.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

CUNHA, M. B. **A exposição museológica como estratégia comunicacional:** o tratamento museológico da herança patrimonial. *Revista Magistro* v. 1, n. 1, p. 109–120, 2010.

DAVALLON, J. **Comunicação e Sociedade:** para pensar a concepção da exposição. In: MAGALHÃES, A. M.; BEZERRA, R. Z.; BENCHRETRIT, S. F. (Orgs.). *Museus e Comunicação: exposições como objeto de estudo*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010.

FLOREZ, L. M. S; SCHEINER, T. C. M. **O exercício de expor nos museus, uma constante prática da experimentação.** In: *Anais do XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*. P. 1-19, Rio de Janeiro, 2012.

MEIRELLES, L. M. **Museus universitários e políticas públicas:** gestão, experiências e dilemas na Universidade Federal de Uberlândia, 1986 –2010. 2015. Doutorado. Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

MENSCH, Peter Van. **The Language of exhibitions:** Basic papers. In: *Annual Conference of the International Committee for Museology*. Stockholm, 1991.

OLIVEIRA, J. P. **A morte da diferença:** a antropologia e o Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Contra Capa, 2016.

OLIVEIRA, J. P; SANTOS, R. C. M. (orgs). **De acervos coloniais aos museus indígenas:** formas de protagonismo e de construção da ilusão museal. João Pessoa: Editora da UFPB, 2019.

RENAN, E. **O que é uma nação?** São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2008.

RIBEIRO, B. G. **Dicionário do artesanato indígena.** São Paulo: EDUSP, 1988.

SCHIAVINI, Fernando. **De longe toda serra é azul.** Memórias de um indigenista. Goiânia: Editora Kelps, 2002.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e a questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, F. A; GORDON, C. **Museu, Identidades e Patrimônio Cultural.** Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia. Suplemento 7. São Paulo, 2008.

VELTHEM, L. H. V.; KUKAWKA, K.; JOANNY, L. **Museus, coleções etnográficas e a busca do diálogo intercultural.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi



# REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

Ciências Humanas, v. 12, n. 3, p. 735-748. Belém, 2017.